

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

PL em MG e SP está desarrumado

Caciques do PL ligaram o alarme dentro do partido para os dois maiores colégios eleitorais do país. A avaliação é que a sigla está mais desarrumada do que o PT em São Paulo e Minas Gerais.

São Paulo tem 34,1 milhões de eleitores segundo dados divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral nesta segunda-feira, 20. Minas tem 16,4 milhões. Os dois juntos guardam quase um terço dos 158,7 milhões de votos de todo o país.

O PT já lançou Patrus Ananias para governador, atendendo pedido de Lula de montar um palanque para a campanha presidencial no estado. O ex-prefeito petista de Belo Horizonte foi ungido depois que a ex-prefeita de Contagem, Marília Campos (PT), recusou. Ela quer manter-se candidata ao Senado e tem boas chances de se eleger.

Patrus já começou a trabalhar uma possível aliança com o PSB no estado. Os dois partidos deram a largada nas negociações em reunião na terça-feira, 21. Na escolha do vice, o PSB afunilou. Tinha três nomes como pré-candidatos a governador: o ex-procurador-geral de Justiça Jarbas Soares; o ex-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Josué Gomes da Silva, e o ex-senador Clésio Andrade.

Clésio desistiu do governo e não aceita ser vice. O preferido de Lula é Josué Silva, filho do ex-vice-presidente José Alencar. E Jarbas já está com a pré-candidatura na rua.

O PL, no entanto, continua desarrumado. O senador Cleitinho Azevedo (Republicanos) é o preferido de

Flávio Bolsonaro para o governo do estado, como primeiro colocado nas pesquisas. Mas ele tem dito que só decidirá na última hora. Seu irmão mais novo morreu no sábado, de leucemia.

O partido procura um plano B. Fala-se em Vittorio Mediolì (PL), ex-prefeito de Betim. Mas o presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto, já avisou que a prioridade não é o governo, mas a candidatura ao Senado, do deputado Domingos Sávio. O ex-presidente da Fiemg Flávio Roscoe, que estava cotado para concorrer a governador pelo PL, afirmou que não aceitaria ser vice de Cleitinho.

Ou seja, o partido está enrolado e tem convenção marcada para o dia 27. Mas pode adiar em função dessa indefinição. O Republicanos está com a convenção marcada para o dia 25, caso Cleitinho se resolva.

São Paulo é onde o PL não tem problema de chapas em aberto. Já até realizou a convenção o como candidato ao Senado. Neste sábado terá a convenção nacional no estado para formalizar a candidatura de Flávio Bolsonaro a presidente. Ele escolheu montar seu QG de campanha no estado porque quer a agenda alinhada com a do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos).

O problema é que Tarcísio também está aliado ao centrão em São Paulo. E os partidos do centrão querem distância da má fase de Flávio desde que ele entrou em guerra contra Michelle Bolsonaro e foram reveladas suas ligações com o Banco Master.

Os presidentes nacionais do União Brasil, Antônio Rueda, e do Progressistas, Ciro Nogueira (PI), não foram à convenção estadual da federação União Progressista, na segunda-feira, para evitar encontrar com Flávio. Os dois partidos negaram apoio ao filho do ex-presidente Jair Bolsonaro.

RICARDO CRAVO ALBIN

Presidente do Instituto Cultural Cravo Albin e ex-presidente do Instituto Nacional do Cinema e da Embrafilme

Luiz Carlos Barreto, companheiro de uma geração que acreditou no cinema brasileiro

Há pessoas que atravessam a nossa vida profissional e deixam apenas uma lembrança passageira. Outras, porém, pertencem a uma época inteira. Quando me lembro de Luiz Carlos Barreto, é justamente assim que o vejo: como um homem intimamente ligado a uma geração que acreditou no Brasil e que procurou, através do cinema, revelar ao mundo a complexidade, a beleza e também as contradições de nossa terra.

Minha convivência com Barreto se inscreve num período particularmente intenso da cultura brasileira. Eu vinha da experiência extraordinária do Museu da Imagem e do Som, que ajudara a criar e dirigiu ao longo de tanto tempo. Mais tarde, ao assumir a presidência do Instituto Nacional de Cinema cumulativamente com a direção da Embrafilme, mergulhei no cinema brasileiro em sua efervescência, com seus sonhos, suas lutas e suas enormes dificuldades.

Foi nesse ambiente que convivi mais de perto com Luiz Carlos Barreto, sempre acompanhado por sua hoje viúva, Lucy Barreto, bem como aos filhos do casal Bruno, Fábio (in memorian) e Paula Barreto, aos quais saúdo agora enternecidamente.

Recordo-me de um círculo de amigos e companheiros que se formara em torno daquele cinema heroico que então procurava novos caminhos. Estavam próximos de nós David Neves, Leon Hirszman e tantos outros. Barreto era uma presença marcante, um homem de cinema por inteiro, daqueles que não se limitam a assistir à história: querem participar dela.

Havia nele uma energia muito própria. Barreto tinha a capacidade de compreender o cinema como arte, mas também como instrumento de afirmação cultural e isso, para mim, sempre

foi essencial. Lutamos pela abertura de mercados para o cinema brasileiro, mas ele não poderia ser apenas uma indústria. Precisava ser, antes de tudo, uma maneira de pensar o Brasil.

Quando estive à frente do INC e da Embrafilme, vivi um período de grandes responsabilidades. Procurávamos criar condições para que o cinema nacional pudesse produzir, circular e alcançar o público. Era um momento em que o Estado começava a assumir um papel mais estruturado no financiamento e na organização da atividade cinematográfica. E eu tinha a convicção, como os Barreto, de que era preciso abrir espaço para os nossos realizadores.

Luiz Carlos e Lucy Barreto estavam entre aqueles que frequentavam intensamente meu gabinete e participavam das discussões sobre os rumos do cinema brasileiro. Sua presença fazia parte daquele movimento maior de cineastas e produtores que queriam um cinema nacional mais forte, mais livre e mais identificado com a nossa realidade. Nossas preocupações se encontravam num ponto fundamental: a necessidade de construir uma identidade cultural própria do nosso país.

O tempo passou, naturalmente. Vieram outras gerações, outros filmes, outras formas de fazer cinema. Mas algumas amizades e alguns encontros permanecem porque estão associados a momentos decisivos de nossas vidas. É assim que me recordo de Luiz Carlos Barreto.

Não apenas como o grande produtor que ajudou a construir capítulos fundamentais de nosso cinema, mas como um companheiro de uma época em que todos nós tínhamos a sensação de estar participando de alguma coisa maior. Barreto e sua incansável Lucy dedicavam sua energia à realização e à produção de filmes que ajudaram a formar a imagem de um país em transformação. Trabalhávamos para que o Brasil pudesse contar a sua própria história e afirmar seus valores culturais e comerciais.

Luiz Carlos Barreto pertence a essa história. E eu me sinto feliz por ter cruzado meu caminho com o dele, naquele tempo tão intenso em que a nossa cultura parecia estar permanentemente à procura de um novo Brasil.

EDITORIAL

Inverno e tempo seco, a equação maléfica à saúde

A chegada do inverno no Brasil costuma evocar imagens de aconchego, mas para dezenas de milhões de brasileiros em diversas regiões do país, a estação traz um desafio silencioso e perigoso: a combinação entre baixas temperaturas, escassez de chuvas e índices críticos de umidade relativa do ar. Quando os termômetros caem e a umidade despenca para patamares abaixo dos 20% — níveis comparáveis aos de regiões desérticas —, a saúde pública entra em estado de alerta velado, e o aparelho respiratório torna-se a primeira vítima.

O ar seco age como um agressor contínuo. Ao ser inalado sem a umidade adequada, ele desidrata as mucosas das vias aéreas superiores, removendo a camada protetora de muco que funciona como barreira natural contra agentes patogênicos. O resultado é imediato: explosão de casos de rinite, sinusite, bronquite e asma, além do aumento substancial nas internações por complicações graves em idosos e crianças. O cenário é agravado pela maior concentração de poluentes suspensos na atmosfera, já que a ausência de chuva impede a dispersão da poluição urbana e de queimadas, criando um coquetel tóxico a cada respiração.

Frente a essa realidade previsível e recorrente, a postura da sociedade e do poder público não pode continuar sendo meramente reativa. Cuidar do corpo durante a estiagem exige disciplina diária. A ingestão constante de água, o uso de umificadores ou toalhas úmidas nos ambientes internos, a hidratação das narinas com soro fisiológico e a prevenção de atividades físicas ao ar livre nos horários mais secos do dia não são caprichos, mas medidas essenciais de automanutenção.

No entanto, a responsabilidade não recai apenas sobre o indivíduo. É imperativo que os municípios e estados fortaleçam a rede básica de saúde para responder à demanda sazonal e intensifiquem a fiscalização contra queimadas urbanas e rurais, que transformam o ar seco em uma ameaça ainda mais letal. A informação preventiva precisa circular com a mesma urgência dos alertas meteorológicos.

Respirar ar limpo e úmido é uma condição básica de bem-estar. Enquanto o clima nos impõe meses de seca severa, cabe à consciência coletiva e à gestão pública garantir que o inverno não se converta em uma crise respiratória anunciada.

OPINIÃO DO LEITOR

Livro do Pedro

Craque Pedro com novo gol de placa. Poderia ser o Pedro do Flamengo, mas é o Pedro Rogério, jornalista e escritor. Acadêmico mineiro das boas letras, das boas e fascinantes histórias. Pedro agora nos brinda com o livro “Que é isso, Vó?”, com sonhos e memórias que guardava no peito, envolvendo política, jornalismo, literatura.

Vicente Limongi Netto, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

campinas.correiodamanha.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057	BRASÍLIA ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20	SÃO PAULO Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
---	--	--

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal